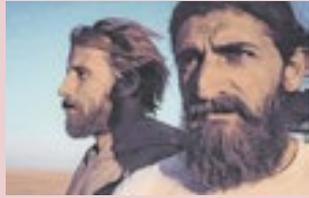


Terrence Malick
e sua visão sobre
pregações de Jesus

PÁGINA 4



Monólogo com
Othon Bastos
renova temporada

PÁGINA 5



Livro analisa a
poética de Caetano
durante seu exílio

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação



Selton Mello (Chicó) e Matheus Nachtergaele (João Grilo) estrelam o filme que tende a ser o campeão nacional de bilheteria em 2025

visitado por Nachtergaele numa atuação luminosa) e seu melhor amigo, Chicó (Selton Mello, arrebatador), para disfarçar aquela torrente de ternura que só as amizades verdadeiras despertam: “Entrou uma coisinha aqui no meu olho...”. Nalguns momentos, a partir deste 25 de dezembro, quando o longa-metragem dirigido por Flávia Lacerda e Guel Arraes estreiar, a plateia vai sentir essa tal coisinha no olho ao rever dois personagens que se tornaram síntese viva do olhar pícaro do já citado dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014), criador dessa dupla de heróis maltrapilhos. Foi em 1956 que os palcos nacionais conheceram Grilo, numa peça repleta de referências ao fabulário ibérico, com alicerces fincados em arquétipos de séculos passados, inclusive da Idade Média. Em 1999, Guel levou as aventuras criadas por Ariano à TV, como minissérie da Globo. Adaptou-a para um formato de longa, de olho no cinemão, cerca de dois anos depois. Hoje no Globoplay, “O Auto...” em versão filme contabilizou 2.157.166 ingressos vendidos.

Espera-se mais (bem mais) da parte dois, engenhosamente fotografada por Gustavo Hadba, a julgar pelas reações entusiasmadas que a produção gerou em sua exibição na Comic-Con Experience (CCXP), no início do mês. Escrito por Guel e João Falcão, com a colaboração de Adriana Falcão e Jorge Furtado, “O Auto da Compadecida 2” se passa vinte anos depois do original e mostra a pacata rotina de Chicó (Selton) no sertão nordestino, onde vive da venda de santinhos de madeira, a contar o caso da ressurreição de João Grilo (Nachtergaele). Seu grande amigo não dá notícias há duas décadas e Chicó acha que ele morreu novamente, até o dia em que João reaparece vivo da silva e cheio de planos mirabolantes, que vão virar o Nordeste de cabeça para baixo, em meio a uma campanha política envolvendo um coronel (Humberto Martins) e um radialista (Eduardo Sterblitch). Dona Rosinha (Virginia Cavendish) tá de volta também, assim como Nossa Senhora, a Compadecida, encarnada por Tais Araújo. **Continua na página seguinte**

Um filme com a cara do Brasil

O aguardado (e sonhado) reencontro de João Grilo e Chicó chega como presente de Natal em ‘O Auto da Compadecida 2’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Após uma maratona de pré-estreias em várias cidades, testando (e comprovando) a habilidade de “O Auto da Compadecida 2” para reafirmar a máxima de que “cinema é a maior diversão”, o ator Matheus Nachter-

gaele volta para o Rio para passar o Natal em casa. Chega com a certeza de que vai entregar a seu país uma catarse inteligente sobre a arte de sobreviver... à nossa maneira. João Grilo, o mais popular personagem de sua carreira (que é das mais consagradas do país nas artes, seja na TV, na telona e nos palcos), regressa à telona amanhã, dia 25.

“Recebi o João da pena do Ariano Suassuna e aprendi com ele a fazer os diferentes timbres das diferentes gentes do Brasil sem

debochar delas, com respeito”, diz Matheus ao Correio da Manhã, celebrando a indicação que acaba de receber ao Prêmio APCA, dado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, por seu desempenho como João Grilo e como o andarilho Antônio de “Mais Pesado É O Céu”, filmagem de Petrus Cariry.

Presente audiovisual natalino do nosso cinema para sua nação, “O Auto da Compadecida 2” faz rir muito, mas também sabe comover. Usa uma brincadeira entre João Grilo (re-

ENTREVISTA / MATHEUS NACHTERGALE, ATOR

Laura Campanella/Divulgação



'O Brasil está tentando gostar de si'

Destaque do elenco de dois dos mais importantes filmes brasileiros da História – “Central do Brasil”, de 1998, e “Cidade de Deus”, de 2002 -, o paulistano Matheus Nachtergaele explica nesta entrevista o que foi regressar a Taperoá, a cidade imaginária do universo de Ariano Suassuna nesta continuação de sua obra mais popular.

“O Auto da Compadecida 2” chega às telas num momento em que “Ainda Estou Aqui” está à beira de somar 3 milhões de ingressos vendidos, lotando

cinemas com uma história 100% brasileira. Espera-se, de certa forma, numa corrida de revezamento, que vocês peguem esse bastão e mantenham os números de bilheteria altos. Como é esse desafio?

Matheus Nachtergaele: Nossa tarefa é recosturar o carinho do brasileiro por sua cultura. O cinema é um setor importante para a economia, pelo tanto de emprego que gera. Mas para o negócio funcionar, a gente precisa se amar. Neste momento, o Brasil está tentando gostar de si, embora ainda dividido. O nosso cinema, que tem agitado as bandeiras iden-

titárias com coragem, quer espectadores nas salas, prestigiando o que a gente tem para contar. Que o “Auto 2” seja um alívio, que seja uma lembrança de que aqui é bom. Se o filme ajudar o povo a caminhar no sentido de gostar de si de novo, já está bom.

A marca dramaturgica deste novo ‘Auto’ é a amizade, pois o filme é uma ode à parceria entre Chicó e João Grilo. Como foi reencontrar a trupe neste regresso?

A amizade é a protagonista desse filme. Sentia saudade da turma, do Selton, do Guel... de todos... mas também sentia saudades dos caras, dos personagens, do João e do Chicó. Acho que todo mundo sentia, pois eles moram no imaginário da gente, do país. Os dois são os heróis de cabeceira do povo brasileiro.

Como foi o reencontro com João Grilo 25 anos depois do projeto original, que nasceu como minissérie, em 1999, e, na sequência, virou filme?

João Grilo talvez seja o maior personagem cômico da dramaturgia brasileira. Voltar não era fácil, sobretudo pelo fato

de esse regresso não ser caça-níqueis, mas, sim, um processo de imersão sério na ambiência armoial do Ariano Suassuna. Deu medo voltar a ele? Deu. Mas, lá nos anos 1990, eu não fiz esse personagem distraidamente. Eu o fiz sob o arquétipo do homem nordestino simples, estudando um calhamaço de referências que o Guel Arraes me deu. Foi o João Grilo quem me ensinou a interpretar figuras marginais com respeito, fazendo uma comédia que jamais é depreciativa. A gente não ri da simplicidade, a gente ri do ridículo que existe no Poder. Volto carregando comigo 25 anos de vida, estando 25 anos mais cansado. O João Grilo também está 25 anos mais cansado de ter que sobreviver em meio a cada prato de comida que consegue.

Qual é a tônica que caracteriza esse regresso?

Agora há uma Taperoá lisérgica. Olho para tudo nela dos olhos do Grilo e deles eu vejo a exaustão do sobrevivente. As memórias da vida são parecidas com a memória da cena. Ao atuar, apesar de a gente estar marionetando figuras a partir de um plano de voo definido, o material de cada cena é a vida. No material desta volta, foi emocionante abraçar de novo o Chicó e ajoelhar diante da Santa uma vez mais. O texto aqui respeita as bases do Ariano e mostra o que o João Grilo tem a aprender toda vez que volta do julgamento no Céu. É uma história sobre chances de aprender e oportunidades de nos modificarmos.

Como fica sua agenda para 2025, pós-Auto?

Vou ficar na novela “Vale Tudo” (o remake do fenômeno de audiência de Gilberto Braga, de 1988, em gestação na Globo) até novembro pelo menos, no papel que foi do Pedro Paulo Rangel (Audálio, também chamado Polyanna). Tão querendo filmar o “Cabras da Peste 2” nessa época também. Tem ainda um projeto do Tiago Vieira, com quem fiz o curta “Quando Parei De Me Preocupar Com Canalhas” (pelo qual recebeu o troféu Kikito de Melhor Ator, em Gramado), mas que deve ficar para 2026. Quero agora ver a recepção ao “Auto 2”, que ficou um filme bonito. Se alguém quiser falar mal dele, que fale. Pra esses, eu digo: “Pode falar, o filme é teu também”. É um filme nosso. É um filme do Brasil para o Brasil.

Por Affonso Nunes

O aguardado filme “O Auto da Compadecida 2”, que estreia nos cinemas nesta quarta-feira (25) tem como um dos grandes destaques a trilha sonora, assinada por João Falcão e Ricco Viana, que chega às plataformas de música na mesma data, em lançamento da gravadora Biscoito Fino. No total, são 10 canções, que serão disponibilizadas junto com o videoclipe da música “Canção da América”, a famosa ode à amizade escrita por Milton Nascimento e Fernando Brandt, que ganha ares de baião para pontuar o reencontro dos personagens João Grilo e Chicó 25 anos depois.

A amizade desses dois heróis tão singelos, tão brasileiros, é embalada pela versão gravada pelo pernambucano João Gomes. Os personagens Chicó e Rosinha (Virginia Cavendish), que se reencontram mais de 20 anos depois, também ganharam uma música tema: “Como Vai Você”, de Antônio Marcos e Mario Marcos, que ganhou versão exclusiva na voz do paraibano Chico César. Entre os destaques, também está “Fiadeira”, de Juliano Holanda, na voz marcante de Maria Bethânia, o tema que marca a chegada da Compadecida (Taís Araujo) na trama.

Música tema desde o primeiro “O Auto da Compadecida”, “Presepada”, composta por Sergio Campelo e Claudio Moura, ganha versão com letra de João Falcão e Ricco Viana e agora se chama “Presepada no Forró”. A interpretação ficou a cargo da cantora potiguar Juliana Linhares e do cantor carioca Marcelo Mimoso. Juliana Linhares também interpreta “Baião De Dez Milhões”, de João Falcão e Ricco Viana.

“O Auto da Compadecida 2” conta com outras referências do universo de Ariano Suassuna, incluindo a personagem Clarabela (Fabiula Nascimento), originalmente da peça “A Farsa da Boa Preguiça”. A natureza romântica e intensa de Clarabela está expressa na música tema “Deus Que Me Segure, Agora Eu Vou Me Apaixonar”,

Temas que embalam uma amizade sem fim



Jorge Bispo/Divulgação



Divulgação



Reprodução Instagram



A amizade entre João Grilo e Chicó é celebrada pela trilha sonora do filme, assinada por João Falcão e Ricco Viana e que reúne como intérpretes Maria Bethânia, Chico César, João Gomes, Juliana Linhares e Marcelo Mimoso



Divulgação

do cantor baiano Fatel, interpretada por ele e pela cantora baiana Ana Barroso.

Temas instrumentais também integram a trilha sonora do aguardado filme. Entre elas, estão “Danado De Ruim”, “Antonio Do Amor” e “Deus E O Diabo Na

Terra De Nossa Senhora”, de João Falcão e Ricco Viana; além de uma versão instrumental para a já citada “Canção Da América”.

Dirigido por Flávia Lacerda e Guel Arraes, “O Auto da Compadecida 2” traz

de volta a dupla mais querida do cinema brasileiro: João Grilo e Chicó, que promete divertir, emocionar e surpreender o público neste Natal com novas aventuras. O filme se passa vinte anos depois da primeira história e mostra a pacata rotina de Chicó (Selton Mello) na mítica cidade de Taperoá, no sertão nordestino. Agora, ele vive da venda de santinhos esculpidos em madeira e conta a história da ressurreição de João Grilo.

“O Auto 2” é um filme essencialmente brasileiro e pop ao mesmo tempo, que rompe com os paradigmas do naturalismo sertanejo. É divertido, romântico e mantém uma dimensão espiritual acalentadora”, define a diretora Flávia Lacerda.

A amizade de João Grilo e Chicó é o fio condutor da história e Guel Arraes destaca a sintonia dos atores Matheus Nachtergaele e Selton Mello na vida real. “Só existe brilho em uma dupla quando eles são generosos um com o outro. A amizade dos personagens é o grande tema, é o valor maior desse filme”, afirma Guel Arraes, que também assina o roteiro ao lado de João Falcão, com colaboração de Adriana Falcão e de Jorge Furtado.

Autor da peça “O Auto da Compadecida”, o dramaturgo e filósofo Ariano Suassuna (1927-2014) era fã do primeiro filme. Após a autorização entusiasmada da família do autor para realizar a continuação, os roteiristas

foram capazes de construir uma nova história inserindo a mesma comicidade crítica utilizada por Ariano no original. Com bom humor, o roteiro expõe as marcas de um Brasil que ainda não superou questões sociais profundas, ao mesmo tempo em que apresenta para os heróis nordestinos soluções baseadas na astúcia e na fé.

“Assim como o primeiro Auto veio no contexto de retomada do cinema brasileiro, o segundo chega num momento de pós-pandemia, em que a bilheteria volta a crescer e o público retoma o amor pelo cinema brasileiro.

A ideia é que o brasileiro volte a se re-

Divulgação



Bastidores das filmagens de 'The Way of the Wind', longa que Terrence Malick deve lançar na Berlinale

Nesta época de Natal, as atenções cinéfilas se voltam para 'The Way Of The Wind', releitura do realizador de 'A Árvore da Vida' para o calvário de Jesus Cristo

Evangelho segundo Malick

Divulgação



O diretor Terrence Malick em raro clique; aos 81 anos, ele redesenha sua cominhão com o pop

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sempre se espera um filme sobre a chegada de Jesus da temporada de Natal, com reprises na TV de clássicos que cercam o Evangelho, como "Ben-Hur" (1959), de William Wylller. O mais esperado ensaio sobre o Messias do povo cristão está no forno há quase cinco anos, chama-se "The Way Of The Wind" e tem Terrence Frederick Malick como seu realizador. Aborda as pregações de Jesus da crucificação à Páscoa. O húngaro Géza Röhrig é quem vive o Salvador. As filmagens tiveram locações na Turquia. Estima-se que sua estreia ocorra na Berlinale, entre 13 e 23 de fevereiro, uma vez que seu diretor saiu de lá com o Urso de Ouro há 25 anos, conquistado pela excelência de "Além da Linha Vermelha".

Apoia-se no talento de Mark Rylance como Satã. Conta com o belga Matthias Schoenaerts no papel do fundador da Igreja, o apóstolo Pedro. Joseph Fiennes, Ben Kingsley e Franz Rogowsky estão no elenco. A fotografia é de Jörg Widmer, que foi opera-

dor de câmera em vários longas do cineasta, inclusive seu título mais recente, "Uma Vida Oculta", ganhador do Prêmio do Júri Ecumênico de Cannes, em 2019.

Em novembro, Malick chegou aos 81 anos mudado, mais aberto aos holofotes, de

ferte com o pop. Há 13 anos, quando conquistou a Palma de Ouro de Cannes com "A Árvore da Vida", ele nem foi ao palco do Palais des Festivals da Croisette para receber seu troféu. No máximo, jantou com os diretores artísticos do evento, pois viveu umas quatro décadas com aversão a fotografias, badalação, redes sociais. Sua realidade agora é outra. Ele até lançou na web um comercial... uma campanha publicitária... para a grife Louis Vuitton. O vídeo "Towards a Dream in USA", é mais uma experiência narrativa com ares documentais filosóficos de cinema road movie do que um reclame institucional padrão. Mesmo assim, é uma virada em sua aclamada carreira, iniciada em 1969.

É possível conferir "A Árvore da Vida" hoje na grade da MUBI. Cultuado, o filme arrecadou US\$ 58 milhões pelo mundo fora, em paralelo à indicação do realizador (um ermitão avesso a fotos e aparições públicas) ao Oscar de melhor direção de 2012. Existe uma segunda versão, director's cut, ainda maior do que a metragem vista em solo cannoise, em 2011, com 2h20, exibida no Festival de Veneza, em 2018, com 188 minutos. Mas a revisão que os exibidores do Velho Mundo propõem

é a partir do que se viu e do que se aplaudiu em Cannes, quando Robert De Niro foi o presidente do júri do evento.

Foi com "A Árvore da Vida" que Jessica Chastain despontou para os holofotes de Hollywood, no papel de uma mãe protetora que tenta resguardar um de seus filhos, Jack (Hunter McCracken, quando jovem; Sean Penn, quando adulto) da ferocidade silenciosa de seu pai exigente, o Sr. O'Brien, vivido por Pitt. Amparado no arrojo da fotografia do mexicano Emmanuel Lubezki, Malick professa na tela uma homilia espiritualista: a tese de que a Natureza está acima da vontade dos homens. Em Malick, a Natureza é a onipotência em estado puro, só que esta é tratada a partir de contornos messiânicos, num reflexo de sua formação pelo transcendentalismo, expresso em ensaístas como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. O ideal transcendental desses autores escorre por Malick, lido à luz e ao ethos do Romantismo, seja pela evasão (no tempo, no espaço) seja pelo tratamento quase divino dado ao Amor.

Analista da dicotomia entre inocência e hipocrisia, Malick sempre arquiteta tomadas belíssimas da natureza, como os campos de trigo de "Cinzas no Paraíso", de 1978, que hoje pode ser visto na Amazon Prime. Por lá, chega-se ainda à sua expedição à América dos anos 1600 em "O Novo Mundo", de 2005. Outra marca do cineasta: a cada filme que roda, uma multidão de astros do mais alto quilate se oferece a trabalhar para ele a cachês módicos. Na estreia de "A Árvore da Vida", Sean Penn chegou a dizer que não havia entendido bem o roteiro, mas que valia encará-lo para estar como um mestre daquele porte ao seu lado. Mesmo nos trabalhos em que foi recebido com frieza ou desdém, vide "Amor Pleno" (2012) e "Cavaleiro de Copas" (2015), Malick continuou atraindo estrelas e continuou sendo respeitado como um arte-são da imagem. Até o mais ácido cronista do cinema americano, o jornalista Peter Biskind, autor de "Easy Riders, Raging Bulls – Como a Geração Sexo-Drogas-Rock'n'Roll Salvou Hollywood", foi capaz de render elogios ao diretor em uma entrevista de 2011. "Depois de ter desafiado as convenções de roteiro dos EUA, Malick desapareceu, para se dedicar a dar aulas de Filosofia, o que muitos interpretaram como uma recusa de se submeter aos vícios de Hollywood. Certo ou errado, Malick virou um marco de integridade artística".

Durante anos a fio, o cineasta filmou com hiatos enormes, mas, a descoberta das câmeras digitais alimentou seu gosto por voltar aos sets ou de remexer em imagens de arquivo. Agora, a Louis Vuitton também pode facilitar seus projetos para o futuro.

Quando Flávio Marinho recebeu um chamado de escritos que Othon Bastos deixou sob sua diligência, confiada pela amizade de décadas dos dois, nenhum deles imaginava que o solo elaborado sob minuciosa pesquisa, posteriormente escrito e dirigido por Flávio levando em conta os principais acontecimentos da existência de Othon, seria o celebrado sucesso de público e crítica que se transformou *Não me entrego, não!*. Com ingressos esgotados desde sua estreia, em junho de 2024, o solo renova sua temporada carioca de 3 de janeiro a 23 de fevereiro no Teatro Vannucci.

Com a experiência de quem criou muitos tipos e começou histórias diversas tantas vezes ao longo da vida, o ator Othon Bastos repete o gesto com frescor e números expressivos. Às vésperas de completar 92 anos de vida e 74 anos de carreira, nos intervalos da temporada oficial Othon tem circulado com o trabalho em diversos estados do país, e já contabiliza mais de 35 mil espectadores.

Dentre tantos méritos, o espetáculo recebeu lãureas como o Prêmio FITA (Festa Internacional de Teatro de Angra), que premiou Flávio Marinho na categoria Melhor Autor e Othon Bastos com o Prêmio Oficial do Júri. A dupla foi ainda homenageada na 1ª edição do Prêmio Arte e Longevidade Rio 2024 e Othon, que está indicado na categoria Melhor Ator pelo júri carioca do Prêmio Shell, levou ainda o prêmio Cariocas do Ano da revista Veja Rio na categoria Teatro.

Considerado o maior ator brasileiro vivo, Othon possui uma carreira de títulos marcantes no cinema (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha) e no teatro (*Um grito parado no ar*, de Gianfrancesco Guarnieri) que são lembrados em cena, propondo uma reflexão sobre cada momento da sua trajetória. É o mural de uma vida dividido em blocos temáticos - trabalho, amor, teatro, cinema, política, etc - cujas reflexões envolvem citações e referências de alguns dos autores mais importantes do mundo. A peça é uma lição de vida



Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, coleciona prêmios e aplausos no solo *'Não me entrego, não!'*

Ele não sai de cena não!

Vencedor em três premiações e indicado na categoria Melhor Ator no Prêmio Shell (RJ), Othon Bastos estende, agora com mais um dia na semana, a temporada do monólogo visto por mais de 35 mil pessoas, onde relembra vivências e fatos marcantes de sua trajetória

e de resiliência, de como enfrentar os duros obstáculos que se apresentam em nossa existência - e como superá-los.

O desejo de voltar à ribalta partiu do próprio Othon que, após assistir a montagem *"Judy: o arco-íris é aqui"*, ficou com a ideia de estar em cena lembrando suas histórias. "Eu pensei como é maravilhoso contar a vida de alguém no palco. E aí falei com o Flávio que eu queria fazer um espetáculo com ele sobre a minha vida - e entreguei umas 600 páginas de pensamentos escritos sobre coisas que eu gosto, autores, anotações... Ali tinha um resumo bom sobre mim. E fomos fazendo: ele leu, entendeu e foi montando o espetáculo. E é mais difícil me lembrar do texto, embora seja uma peça sobre a mi-

nha própria memória, porque ela chega editada, diferente das lembranças espontâneas", confidencia Othon Bastos.

Esqueleto dramático

Com a missão de converter tantas lembranças e histórias, Flávio Marinho precisou condensar os anos de vivência do veterano ator em alguns minutos de espetáculo teatral. "À primeira vista, o que temos é o próprio Othon Bastos quem estará em cena contando histórias divertidas e dramáticas da sua vida pessoal e profissional. Isto seria, digamos, o esqueleto dramático da peça. Só que este esqueleto é recheado de diversas reflexões, frutos imediatos do tema abordado por Othon. Por exemplo, depois que ele encontra o amor da vida, com

quem está casado há 57 anos, o texto passa a refletir o sentimento do amor através de diversas referências e citações", adianta o autor e diretor.

O mesmo se dá após Othon mencionar um fato político: a peça envereda por historietas e pequenas pensatas políticas - e assim por diante. "O Flávio escreveu maravilhosamente bem. Começa nos meus 11, 12 anos e vem até hoje. Nada foi fácil para mim, muitos dos meus principais papéis eu entrei substituindo outro ator. Se alguém me perguntar como comecei minha carreira, eu digo que comecei substituindo o Walter Clark, que era meu colega de turma de teatro, e depois muitas outras coisas aconteceram. O Chico Xavier já dizia que se uma coisa é sua, ela te encontra, não é preciso se preocu-

par", pondera o homenageado, que terá a companhia de sua "memória" em cena, a atriz Juliana Medela trazendo observações às suas falas. "A ideia de ter a minha memória em cena foi minha, achei que seria interessante ter uma espécie de Alexa em cena. Ela entra para fazer descrições", diverte-se Othon, numa alusão pra lá de contemporânea à assistente virtual desenvolvida pela Amazon.

"É um momento único, mesmo: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida. É uma experiência muito forte eu ter que ser o meu próprio centro em cena. Mas não trazemos nenhuma lembrança amarga, apenas as alegres e divertidas, para levar curiosidades que vivi ao longo desses anos todos ao público, que saberá o que se passa com um ator - que é uma pessoa comum. Mas, quando se recebe um dom como esse, você tem a capacidade de doar o que recebeu. Então é isso que eu quero, me doar - e que as pessoas me leiam. Quero que elas vejam quem eu sou e como sou", finaliza Othon Bastos.

SERVIÇO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!
Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)
De 3/1 a 23/2, quintas (17h), sextas (20h), sábados (19h) e domingos (20h)
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

Novos mistérios no Prédio Azul

Sucesso na TV, a turma do D.P.A. chega aos palcos cariocas numa aventura com muita diversão

Fenômeno na TV, no cinema e no teatro, os Detetives do Prédio Azul chegam ao Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea, para a última temporada do grande sucesso “D.P.A. A Peça 2 – Um Mistério Musical em Magowood”, escrito por Flávia Lins e Silva e Pedro Henrique Lopes e direção de Ernesto Piccolo. De 4 de janeiro a 9 de fevereiro, a criançada vai embarcar numa emocionante e divertida história, com o elenco original da telinha e participações especiais, que, ao longo de pouco mais de um ano, passou por 13 cidades pelo Brasil e foi vista por mais

de 80 mil pessoas. As sessões serão aos sábados e domingos, em diversos horários.

A peça teatral é inspirada na série “D.P.A. - Detetives do Prédio Azul”, grande sucesso do Gloop, que segue há mais de dez anos no ar, e está indo para sua 20ª temporada. O famoso e destemido trio de detetives segue conquistando uma legião de fãs, com suas histórias cheias de magia, mistérios e aventuras. Além da TV, os pequenos já puderam conferir o universo D.P.A. nos cinemas, com três filmes lançados, e no teatro com a peça “D.P.A. A Peça 1 - Um Mistério no Teatro”. Agora, será a última



Renata Spinelli/Divulgação

O espetáculo já passou por 13 cidades brasileiras

oportunidade de conferir toda turma do Prédio Azul em sua segunda aventura nos palcos.

“D.P.A. A Peça 2 – Um Mistério Musical em Magowood” está recheada de novidades. Os detetives Max (Samuel Minervino) e Zeca (Stéfano Agostini) ganham a companhia da nova detetive da

capa vermelha, Mel, interpretada por Emilly Puppim. A investigadora chegou à série na segunda parte da 18ª temporada e já ganha sua primeira missão no teatro.

As irmãs feiticeiras Berenice (Nicole Orsini) e Brisa (Cleo Faria) também fazem sua primeira participação no espetáculo, assim

como Leocádia (Cláudia Netto) e Theobaldo (Charles Myara). E, claro, não poderia faltar a presença do porteiro mais querido, Severino Capim (Ronaldo Reis). As apresentações contarão ainda com as participações especiais de Dadá Coelho, que vive a bruxa Cassandra Brum, e Gabi Amaral, como a bruxa Anabel.

Além da série no Gloop, as histórias de D.P.A. ultrapassaram a TV e chegaram aos cinemas com três longas lançados - em 2017, 2018 e 2022 - todos sendo sucesso de bilheteria, com mais de 5 milhões de espectadores. Nos palcos, as aventuras e diversões dos detetives rodaram o país com “D.P.A. – A Peça 1 – Um Mistério no Teatro”, entre 2019 e 2020, assistida por mais de 50 mil pessoas.

SERVIÇO

D.P.A. 2 - A PEÇA - UM MISTÉRIO MUSICAL EM MAGOWOOD

Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea – Rua Marquês de São Vicente, 52, loja 370)
De 4/1 a 9/2, aos sábados e domingos

Ingressos entre R\$ 45 a R\$ 120

Sua benção, Mãe Mirinha!

Espectáculo celebra o centenário de líder religiosa baiana, pioneira do candomblé

Neste ano, a líder religiosa Mameto-de-inquice celebraria seu centenário. E para contar a história dessa grande mulher, nesta quinta-feira (26), às 19h e 20h, a Karma-Círculus Cia de Teatro trará à cena a história de Mirinha do Portão no espetáculo “Mãe Mirinha”.

Mulher precursora do Candomblé, fundou em 1948 com apenas 23 anos, o Terreiro de São Jorge Filho da Goméa, hoje tombado como Patrimônio Cultural do estado da Bahia. O Terreiro também é um grande polo de cultura, que inclui o importantíssimo bloco

afro Bankoma, homenageado no espetáculo.

A sacerdotisa desenvolvia inúmeras ações sociais pela cidade, tornando-se figura histórica, politizada e incansável para a cultura afro religiosa brasileira e para a sociedade soteropolitana. Mirinha era amiga de Jorge Amado e chegou a atuar em duas adaptações cinematográficas da obra dele, “Os Pastores da Noite (1975)” e “Tenda dos Milagres (1977)”.

A peça retrata a cultura afro-brasileira e ainda a Cultura de Terreiro. Além de ação social, da ajuda



Divulgação

A história de Mirinha, uma pioneira do candomblé no Brasil, é contada no ano de seu centenário

ao próximo, e enfatizar o quanto a arte e a cultura estão inseridas em toda a comunidade, a peça também traz o encontro de duas atrizes de renome nacional. Em cena, a atriz

Suelem Santos, que interpreta Mãe Mirinha, compartilha a cena com Rosa Nogueira, que vive uma especialista em história, pesquisadora sobre a trajetória de Mirinha.

“É essa história de protagonismo feminino preto e revolucionário, que a Cia resgata e planeja colocar em cartaz em 2025. Uma grande honra representar uma fi-

gura tão importante quanto Mãe Mirinha”, diz Suelem Santos.

Mameto-de-inquice (equivalente à Ialorixá), Mirinha do Portão, foi uma enfermeira parteira, guia espiritual, conhecida como a “vóinha” das crianças do Portão, em Lauro de Freitas (BA). “A relevância deste espetáculo está justamente no resgate histórico, na oportuna homenagem pelo seu centenário, contribuindo para que esta importante personagem esteja sob a luz que lhe é de direito, para que seus feitos continuem sendo propagados e encoraje outras tantas pessoas a realizarem”, finaliza Atila.

SERVIÇO

MIRINHA DO PORTÃO
Terreiro Acê Ahùnsi Sajé (Rua Barão do Rio Branco s/nº, Praça da Bandeira – São João de Meriti)
26/12, às 19h e 20h
Entrada gratuita.

Divulgação



A música brasileira é puro ritmo

Projeto colaborativo liderado pelo cantor e multi-instrumentista Rodrigo Sha reúne músicos de várias regiões brasileiras

Por **Affonso Nunes**

Biblioteca de sons do Brasil para o mundo, o projeto O Ritmo nasceu da colaboração com os músicos de diferentes regiões, colocando sua sonoridade, melodias, harmonias e ritmos que são da raiz de nossa música, e representam toda a diversidade cultural brasileira. O projeto capitaneado pelo cantor, multiinstrumentista, produtor musical e compositor Rodrigo Sha acaba de ganhar versão no álbum “Brazilian Oil”, que acaba de ser lançado nas plataformas digitais.

O trabalho conta com um time de altíssimo nível de músicos colaboradores como Marcos Suzano, Zé Paulo Becker, Jam da Silva, Margus Borges, Ricardo Imperatore, Cássio Cunha, Scott Feiner, Jovi Joviano, Ella & The Bossa Beat, Afro2Brazilians e o próprio Rodrigo Sha.

“Brazilian Oil” é um campo de exploração sonora. Tem maculelê com samba, capoeira com jazz, samba com reggae e eletrônica, ijexá com pop, saculegê com beat, afoxé com clássico, afro com funk, bossa... São muitos climas num álbum recheado de musicalidade, com uma curadoria e roupagem muito profunda de Rodrigo Sha.

“São muitos músicos brasileiros, muito talentosos espalhados, pelo

Divulgação



Rodrigo Sha
(no centro, ao alto)
reuniu um time
diversificado de músicos
no projeto, que agora se
transforma em álbum

Brasil e pelo mundo, e O Ritmo é pra ser a voz deles. Temos aqui, músicos do Rio, Recife, Bahia, Belém do Pará e o Scott Feiner, um novaiorquino que virou carioca”, comenta Sha.

A essência, originalidade e excelência, continuam nas mãos dos músicos, compositores, produtores e artistas que buscam sempre se aprimorar tecnicamente, que buscam sempre novas sonoridades, que empreendem e são generosos na troca de informações. “Vivemos num mundo onde a colaboração entre os artistas, ampliou, digitalizou, globalizou, renovando e enriquecendo o mercado fonográfico, trazendo novas tendências sonoras”, defende Rodrigo Sha, ao falar do projeto.

Na sua inquietude, o músico começou a compor e produzir músicas com os sons da sua plataforma musical com o intuito de expor os músicos que estão lá, dar créditos a eles e enaltecer a qualidade dos colaboradores que estão na plataforma, ao mesmo tempo, criando um canal artístico com uma sonoridade autêntica e cheia de alma para o mundo, e logicamente que Sha conduz, produz, compõe e toca. “O foco é o som do Brasil para o mundo, nossa riqueza gigante de sons, levadas, ritmos, sotaques, algo que realmente só existe no Brasil nesse planeta”, defende Sha.

Reprodução



Caetano Veloso durante o exílio em Londres (1972)

Retratos do exílio em Caetano

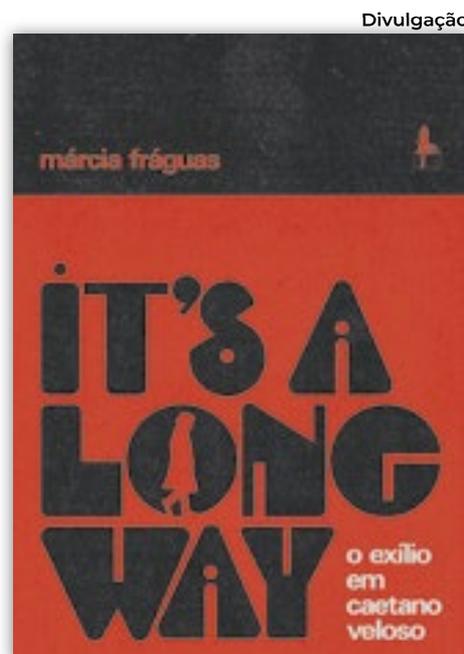
No livro 'It's a Long Way', a pesquisadora Márcia Fráguas diseca a poética desenvolvida pelo compositor durante o período em que precisou viver fora do Brasil

Por Affonso Nunes

Em dezembro de 1968, os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos pelo regime militar, na esteira do recrudescimento do autoritarismo e das arbitrariedades chanceladas pelo Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Após 54 dias encarcerados e mais quatro meses de confinamento domiciliar em Salvador, Bahia, os músicos foram exilados do Brasil, em julho de 1969, retornando ao país no início de 1972.

Recém-lançado, o livro "It's a Long Way – O Exílio em Caetano Veloso", de Márcia Fráguas, reflete sobre o modo como as perseguições perpetradas pelos militares fraturou, no geral, o campo das artes e da cultura no Brasil do final da década de 1960 e, em particular, o Tropicalismo, com o exílio de seus

dois principais artífices. A análise das canções que compõem a obra fonográfica do cantor e compositor Caetano Veloso produzida no período entre a prisão e o exílio (1969) e o retorno ao Brasil (1972) – os álbuns "Caetano Veloso" (1969), "Caetano Veloso" (1971) e "Transa" (1972), esses dois últimos em Londres – busca evidenciar e interpretar a construção de uma poética do exílio. "It's a Long Way", é um livro que traduz os procedimentos usados pelo tropicalista cantor da 'alegria, alegria' nacional para verter em canção um dos momentos mais trágicos da história do Brasil, seja no plano individual, seja na projeção coletiva. No conjunto das canções que tratam da língua e da linguagem turvadas pelo exílio londrino forçado, pela distância das coisas do seu país, Caetano Veloso revela a 'tropical melancolia', destaca o pesquisador e professor da Uerj Leonardo Davino de Oliveira,



Divulgação

que assina o prefácio da obra.

Ao contrário de Gil, que ampliou sua vivência musical e absorveu influências que marcariam suas obras futuras, Caetano foi extremamente itronspetivo em seu exílio na capital inglesa. "Hoje quando acordei dei de cara com a coisa mais feia que já va na minha vida. Essa coisa era a minha própria cara (...) Mas agora eu quero dizer aquele abraço

a quem que tenha querido me aniquilar porque o consegui. Gilberto Gil e eu enviaos de Londres aquele abraço pra esses caras", escreveu Caetano em artigo publicado no Pasquim no final de 1969.

Além de dissecar o discurso de Caetano nesses três discos, Márcia Fráguas colheu importantes depoimentos de Caetano em entrevista concedida pelo artista em 2020 para a elaboração do livro. Sobre o álbum de 1969, gravado parte em Salvador e parte em São Paulo, ele explica: "Quando gravamos o disco na JS (estúdio na capital baiana), não estávamos mais presos e incomunicáveis. Estávamos no que chamavam de 'confinamento': não podíamos deixar Salvador e tínhamos de nos apresentar a um coronel, então chefe da PF (Polícia Federal) na Bahia, todos os dias. Isso durou quatro meses. (Rogério) Duprat foi a Salvador e coversamos. Voltou para o Sudeste e pôs toda a instrumentação num estúdio", disse, referindo-se ao arranjador dos principais álbuns do movimento tropicalista.

Os discos seguintes foram gravados em Londres, tendo o de 1971 contado com músicos ingleses e "Transa", do ano seguinte, com uma banda formada pelos brasileiros Jards Macalé (guitarra e violão), Tutty Moreno (bateria), Moacyr Albuquerque (baixo) e Áureo de Sousa (percussão). Os arranjos foram criados de forma coletiva. Pouco tempo depois de lançar esse álbum, que teve repercussão muito positiva no Brasil, Caetano soube que não existiam mais empecilhos para seu retorno. "Eu vim e aprendi que já podia viver no Brasil. Fiquei três anos na Bahia, Moreno nasceu, tudo ficou mais vivo. Eu nem sentia que não estava em Londres. Nunca tive saudades de lá", revela.

Com texto da orelha da doutora em Sociologia pela Unicamp Sheyla Diniz, a obra é uma adaptação da dissertação apresentada em 2021 pela historiadora Márcia Fráguas ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Márcia Fráguas é formada em História pela Universidade de São Paulo (2016) e possui mestrado em Literatura Brasileira (2021), pela mesma instituição. Seu trabalho é focado em crítica e ensaio. Desde 2022, junto a Leonardo Davino de Oliveira e Enzo Banzo, organiza o evento "Lamber a Língua", colóquio sobre poesia e canção na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) que resultou na publicação do livro Lamber a Língua – Caetano 80, em 2023. Atualmente faz doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade da Uerj.